

CRÍTICA FILME | BLUE MOON – MÚSICA E SOLIDÃO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Francês favorito ao troféu César, o Oscar da França, a ser entregue no próximo dia 26, por “Nouvelle Vague”, o americano Richard

Linklater teve tempo de se reunir a seu habitual camarada Ethan Hawke para um trabalho “pequenininho” (intimista), mas de acertos gigantes. “Blue Moon” foi rodado em 15 dias, em estúdio, em Dublin, na Irlanda, por uma bagatela, e compensou o orçamento que consumiu para sair do papel com uma sucessão de vitórias, a começar pela indicação ao Urso de Ouro de 2025. Andrew Scott foi premiado na Berlinale do ano passado com o Urso de Prata de Melhor Atuação Coadjuvante, por seu desempenho no painel histórico da Broadway.

Recebeu mais 13 láureas e 68 indicações a troféus de peso, com destaque para o Oscar. Concorre nas categorias de Melhor Ator (para Hawke, que vai enfrentar Wagner Moura, indicado por “O Agente Secreto”) e Melhor Roteiro Original (Robert Kaplow). A nomeação em Hollywood deveria lhe abrir salas no Brasil, mas não foi capaz: o streaming foi seu destino. Está na Prime Video.

Revelado ainda moleque em “Viagem ao Mundo dos Sonhos”, quatro décadas atrás, Hawke tem uma atuação convulsiva sob a batuta de Linklater. Lá se vão três décadas desde que filmaram “Antes do Amanhecer” (1995).

Desta vez Linklater e Ethan revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) de-



Ethan Hawke é um dos rivais de Wagner Moura na briga pelo Oscar

Ethan Hawke em modo jazz

sanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi's, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno “Oklahoma!”) de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott. Na noite de 31 de março de 1943, narrada no roteiro, Lorenz (Hawke, notável) vai escancarar todos os seus demônios.

Em recente entrevista ao Correio da Manhã, Hawke explicou que “o álcool, no caso de Lorenz, é apenas o sintoma de um problema profundo ligado ao senso de não pertencimento e a bebida só faz

ampliar a sua solidão”. Linklater costuma falar dela com frequência. E o faz por meio do verbo, em narrativas palavrosas. Contam-se nos dedos as vozes autorais da realização capazes de pavimentar integralmente a sua narrativa na palavra, a extrair delas um grau (transcendente) de cinemática, como Linklater consegue. No documentário, ressaltava-se Eduardo Coutinho (1933-2014) por essa façanha (a expandir os limites do plano talking head) e, hoje, na ficção, encontra-se essa destreza na obra de comida e bebida perfumados a cigarros do sul-coreano Hong Sangsoo (de “A Mulher Que

Fugiu”).

Dinamo do modo de produção indie nos EUA, Linklater deu lá suas escapadelas mais cinemáticas, ou seja, fez filmes nos quais o movimento é mais abundante do que o falatório, vide “Escola do Rock” (2004) ou o recente (e delicioso) “Hit Man” (aqui chamado “Assassino Por Acaso”, de 2023). No entanto, retorna ao esquema dos filmes concentrados em parlatórios (sempre num viés de tom confessional e existencialista) com recorrência. Construiu nessa vereda uma espécie de carta de intenções de uma estética investigativa dos desacertos e

desatinos do querer e do viver, que se estendeu à animação com “Walking Life” (2001), um poema em forma de rotoscopia. A forma como explora as fraturas expostas pela fala alcança um novo estágio (e um amadurecimento notável) em “Blue Moon”. Leva Hawke aos píncaros da excelência consigo.

Passados 17 anos de “Eu e Orson Welles” (2009), o diretor retorna ao universo do teatro, num namorico com as figuras exponenciais dessa expressão artística milenar, no intuito de entender a ciranda de vaidades e de decepções que circunda o glamour da Broadway. Assume, para isso, a data de estreia do espetáculo “Oklahoma!”, e parte das franjas desse abrir de cortinas para explorar as inquietações de Lorenz Hart. São dele baladas memoráveis como “The Lady Is a Tramp”; “Manhattan”; “My Funny Valentine” e “Bewitched, Bothered and Bewildered”.

Apesar de retratá-lo na sua fase crepuscular, Linklater jamais se afoga na amargura, embora ela esteja lá, no ciúme e no inconformismo que Lorenz (chamado por amigos e amantes de Larry) sente do projeto teatral da dupla Rodgers e Hammerstein, que reestrutura o entretenimento americano. Parece não haver lugar para ele no que se funda na primeira metade da década de 1940, numa indústria embalada pelas suas canções de amor. Por isso, ele bebe. A certa medida, ao fitar um drink, diz: “Como pode tanto prazer caber em algo tão pequeno”. A mesma dinâmica se aplicaria por nós, cinéfilos, a uma joiazinha como “Blue Moon”, que merece uma chance em tela grande.

CRÍTICA FILME | VALOR SENTIMENTAL

POR LUIZ CARLOS LACERDA* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Profunda investigação da alma humana

O filme norueguês de Joachim Trier, “Valor Sentimental”, é uma espécie de “Noite Americana”, o filme de François Truffaut que desenvolve tramas introspectivas no set de filmagem, com suas inter-relações, affaires, e conflitos - mas com a densidade típica dessa parte gelada do mundo, onde o aprofundamento dessas questões parece inevitável.

Com a diferença que neste o roteiro e/ou a edição - certamente

comandados pelo diretor - constrói tempos distintos em paralelos do real, do ficcional, e da memória - sempre intercalando o processo da construção de um filme com a reconstrução do universo familiar dilacerado por ausências e tragédias anunciadas.

Como no poema de Murilo Mendes (“Não sei onde a mãe termina / e onde a filha começa”). Os limites entre o memorial, a chama-



Assim como em Bergman, o aprofundamento de questões inter-relacionais é necessário em ‘Sentimental Value’, de Joachim Trier

da vida real e o filme em produção se mesclam, de formas alternadas, numa delicada e tênue aliteração de

desnecessária identificação com o auxílio de um elenco magistralmente conduzido pela direção.

Um relevante aspecto tratado é a questão do etarismo no mundo das Artes, especialmente no cinematográfico. O assassinato cultural - denunciado por Glauber Rocha

e pelo psicanalista Eduardo Mascarenhas, atualmente no seu ápice nesse universo do Poder neoliberal, com práticas preconceituosas inclusive na política oficial brasileira, hoje com um perfil distinto daquele apontado nos anos 1970, é delicadamente tratado - em emocionante sequência da visita ao velho cineasta que o protagonista pretende indicar pra direção do seu roteiro, mas cuja ficha cai ao constatar a fragilidade física que, segundo constata, é elemento inaceitável para as netflix da vida apostarem na capacidade criativa e intelectual do diretor.

Desde Bergman - outro gênio que também veio do frio - não assistíamos um espetáculo de profunda investigação da alma humana.

*Cineasta e poeta